
A dupla relação: leitura e o imaginário como valores culturais

Gicele Faissal de Carvalho¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar experiências e reflexões no trabalho com literatura, com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, num movimento articulado com o trabalho da gestão, estabelecendo a dupla relação leitura e imaginário como valores culturais. Propõe-se uma reflexão sobre a prática pedagógica, sempre focando o incentivo à leitura na prática social, enfatizando o prazer de ler e valorizando situações de envolvimento do leitor com a história no estímulo à leitura comum, permitindo a interação com o imaginário. Segundo pesquisa de Baudelot, Cartier, e Detz (1999), a relação do leitor com a obra é afetiva, ela se manifesta pela sua identificação com a história, com os personagens, prolongando ao mesmo tempo nas leituras, experiências ou questionamentos pessoais.

Palavras-chave: Leitura; Criatividade; Valores; Cultura.

INTRODUÇÃO

Esse artigo fundamenta-se em observações feitas em vários ambientes de uma escola da rede particular em Teresópolis, cidade serrana do estado do Rio de Janeiro, durante atividades realizadas em salas de aula e na biblioteca.

Mostra algumas experiências em que a literatura infantil foi o roteiro das atividades realizadas com crianças das séries iniciais

do Ensino Fundamental, oportunizando a todas elas o contato prazeroso com o texto literário, buscando a familiaridade com a leitura ativa e criativa e o despertar do imaginário como valor cultural.

Ressalta também os aspectos educacionais, psicológicos, criativos e culturais que permeiam os trabalhos em que a literatura desempenha o papel norteador.

Neste sentido, focaliza-se o papel do gestor como estimulador de práticas pedagógicas que promovam o interesse pela leitura, e a participação dos professores e todos os atores envolvidos na comunidade escolar em projetos educativos visando a melhoria da qualidade do ensino pelos caminhos da leitura.

EDUCAÇÃO E LEITURA EM TEMPOS DE MUDANÇA

O ensino não apresenta sinais de melhoria qualitativa, como pode ser observado a partir dos resultados obtidos pelos 2.199.214 de concluintes e egressos do ensino médio, participantes da oitava edição do Exa-

me nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2005, que obtiveram média de desempenho de 39,41 na parte objetiva e de 55,96 na redação. Além disso, o Brasil também não apresentou um bom resultado no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA).

Segundo o especialista Marcos Bagno (1995, p.), doutor em Lingüística da USP, as notas baixas no Pisa são resultado da maneira equivocada com que a escola encara o ensino de Língua Portuguesa:

Pesquisas apontam que o grande foco do ensino de língua portuguesa está na gramática, pois a maior parte dos professores dedica setenta por cento de suas aulas às normas, quando a ênfase deveria ser na leitura e na escrita.

Citando o artigo de Ana Maria Machado sobre o mau resultado do Brasil no Pisa. Para ela, "o fato é que a escola brasileira não sabe mesmo ensinar a ler. E a sociedade não dá a mínima importância para isso". No artigo, ela fala sobre o sucesso do USSR, um programa inglês que envolve as famílias no incentivo à leitura. E elogia o projeto do MEC "Literatura em Minha Casa", que, segundo ela, vai tornar o governo federal o maior comprador de livros do mundo, feito digno de figurar no livro dos recordes²

Segundo a fonte Câmara Brasileira do Livro em 2001, o cenário brasileiro está assim delineado:

- a compra anual de livros não didáticos per capita por adulto alfabetizado é de 0,66%;
- 61% dos adultos alfabetizados têm muito pouco ou nenhum contato com livros;
- De cada 10 não-leitores, 7 não têm condições de adquirir livros;
- 73% dos livros concentram-se apenas nas mãos de 16% da população;
- Média de leitura anual: Brasil (1,8 livro/habitante), Inglaterra (4,9 livro/habitante), EUA (5,1 livro/habitante), França (7 livro/habitante).

A escola, por sua vez, não tem se apresentado como um espaço institucional onde a leitura, o estudo e a pesquisa vêm se realizando dinamicamente por todos aqueles que fazem parte da comunidade seja por falta de interesse ou por falta de conhecimento de sua importância.

Há algum tempo tem se apontado a necessidade de ampliação dos espaços de leitura nas escolas, onde as discussões e possíveis desdobramentos possam proporcionar atividades de integração e reflexão sobre o grande poder da literatura como processo civilizatório e educativo, como forma de vincular as pessoas ao mundo, sendo ponto de chegada e ponto de partida, pois completa em si uma jornada de trabalho de desenvolvimento de idéias e

Fonte: <http://www.educational.com.br> . Acesso em 11 de dezembro de 2005.

questionamentos. A literatura nos proporciona a oportunidade de viver chegadas e partidas "como os dois lados da mesma viagem", idéia apresentada na música *Encontros e Despedidas* de Milton Nascimento.

Antenor Gonçalves Filho (2000) sustenta uma reflexão sobre o poder da palavra e a palavra do poder, expressos na literatura e na qual se procura explorar o que ela pode conter enquanto instância educativa e formadora de valores de cultura, porém vemos que os avanços da tecnologia e os hábitos sociais têm proporcionado mudanças significativas na vida humana, especialmente no que se refere à socialização.

As posturas individualistas afastam, dia-a-dia, o homem das suas relações sociais. E nesse contexto, se questiona como proceder diante da tarefa de educar sem que haja interação.

È na interação dos sujeitos que acontece a educação, na inter-relação dos saberes onde as trocas de experiências e visões de mundo oportunizam a formação do homem. "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra", dizia Paulo Freire (*apud* GONÇALVES FILHO, 2000, p.12)

Educar para transformar, mote das discussões contemporâneas, se apresenta como um desafio que tem como aliado o cenário literário, sobretudo nos diferentes tipos de leituras:

- ler para investigar- quando proporcionamos uma leitura crítica que dê ao aluno a oportunidade de refletir sobre as questões implícitas no texto (sociais, políticas, morais, culturais);
- ler para conhecer- os conteúdos que fazem parte do seu cotidiano e que tornam possível a compreensão da sua realidade;
- ler para discutir- é na discussão que se sustentam as bases de argumentação, tão relevantes na comunicação e na troca de experiências, quando os conhecimentos se ampliam;
- para criar e recriar textos- desenvolvendo a oralidade na autonomia do pensamento e a oportunidade de transportar a sua história para o texto compreendendo-a melhor;
- ler para formar e transformar- momento em que a educação se dá na transcendência das linhas dos livros.

Os leitores procuram as suas próprias histórias nos textos literários e de uma forma poética ou fantasiosa, encontram caminhos que os levam à novas reflexões e explicações para seus questionamentos.

Educação e leitura são realidades que necessitam de novas atitudes. As mudanças educacionais, sociais, políticas e científicas, nos levam a refletir sobre a educação das crianças, sobre a educação do educador, sobre a formação dos cientistas, enfim, sobre a formação de um ser humano que não

queira mais viver sob a hegemonia dos sistemas impostos hierarquicamente.

Educação dá poder e consciência ao ser humano de sua situação dentro das esferas familiar, escolar, social e planetária, atribuindo-lhe um papel histórico na construção do mundo.

E como registrar sua historicidade sem a oportunidade de ler e criar, de ler e provocar inventividade, de ler e transpor as linhas do livro, deixando o imaginário levar as emoções a uma nova interação da leitura, associando-a as suas experiências de vida ou as suas expectativas de mudança?

Essa é a importância que deve ser atribuída à literatura como matéria formadora humana, na transposição dos valores reais da educação proclamados nas intenções dos textos.

O IMAGINÁRIO NA BUSCA DA IDENTIFICAÇÃO

Quando lê a criança deixa sua imaginação funcionar sem regras. É um momento de identificação com personagens, com a sua história, com seus conhecimentos e valores.

Por muito tempo e ainda hoje, algumas escolas excluíram e excluem a leitura prazerosa ligada às experiências de vida e à curiosidade do leitor em relação à cultura geral, privilegiando uma leitura obrigatória, sem significados, provocando desinteresse e falta de estímulo aos leitores.

Gianni Rodari (1982) defende assim seu ponto de vista:

Não é, portanto, de se admirar que a imaginação nas nossas escolas, ainda seja tratada como a parente pobre, em desvantagem com a atenção e com a memória; que escutar pacientemente e recordar escrupulosamente constituem até agora as características do modelo escolar o mais cômodo e maleável (RODARI, 1982, p.9).

Através do seu trabalho, ele nos mostra que os setores mais poderosos da sociedade realmente não têm nenhuma intenção de privilegiar a imaginação e a criatividade, pois não desejam que as pessoas aprendam a pensar, já que o pensamento criativo seria a arma mais eficaz de transformação do mundo e, portanto, uma ameaça à ordem social conhecida, estabelecida e vantajosa para eles.

A maneira de conduzir o trabalho com a leitura pode ser vantajosa ou não. No caso afirmativo, a ampliação do campo cultural vai ser desenvolvida de acordo com o conjunto de valores que forem agregados ao conhecimento.

Embora atuando mais fortemente na infância, o imaginário, que representa a história de vida do indivíduo, constitui-se um forte aliado na busca da identificação junto à literatura. As histórias trazem significados que à imagem do leitor revelam passeios fantásticos pelo reino da fantasia onde tudo pode acontecer.

No livro *O menino que aprendeu a ver*, Ruth Rocha (1997) nos apresenta uma história cujo personagem foi associando cada palavra decifrada ao mundo que o rodeava, ao mesmo tempo que se inseria enquanto ser criativo. Muito antes de decodificar os nomes que João passou a ler, ele já os tinha marcado na sua história de vida, nas suas brincadeiras, nas suas curiosidades e descobertas e todas as palavras antes vividas no seu imaginário, puderam ser decodificadas e tornadas reais.

Em, *O papel roxo da maçã*, de Marcos Bagno (1995), a menina Rosa, alimenta o seu imaginário quando transcende os sentidos de visão, audição e tato ao pegar o papel roxo da maçã, e travar com ele um diálogo cheio de mistérios e descobertas.

Textos literários criativos acenam para a liberação do imaginário do leitor, estimulando a sua participação na história. Além disso, o exercício da ludicidade, implícito no ato de ler e imaginar, permite a leitura de mundo e expande a capacidade da criança para compreender e interpretar sua história, realizando sonhos, (trans)formando valores e atualizando experiências.

A CULTURA, A IMAGINAÇÃO E A CRIATIVIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

O espaço escolar (ainda) é aquele que disponibiliza a cultura formal e que deveria oportunizar a dinâmica de informações nas relações internas e externas.

Aqui insere-se o trabalho da gestão escolar. Uma escola gerida de maneira autoritária não contribui para a construção efetiva da participação de todos os membros da comunidade escolar na definição das políticas que regulam os espaços de convivência coletiva e na elaboração dos projetos pedagógicos e administrativos.

Partindo de livres interpretações da realidade de cada um, a troca de informações aumenta e as mentalidades (trans)formam-se, permitindo que o processo educacional seja viabilizado nessa constante inter-relações de saberes. Além disso, valoriza-se também outras fontes de sabedoria, sobretudo aquela relacionada à história oral, repassada pelas lideranças comunitárias, pelas pessoas mais velhas, pela "gente antiga", conferindo um grau de sabedoria gerada principalmente pela experiência de vida.

A construção da leitura no espaço escolar merece cuidados especiais por parte do professor. O livro de literatura é um objeto rico e cheio de oportunidades para o leitor, na constante busca de cultura e apreensão de valores, por isso precisa ser analisado na sua forma e no seu conteúdo.

Moreira e Silva (2000) apresentam a afirmação de Giroux e Simon:

Pode parecer remota a relação entre cultura e pedagogia aplicada à sala de aula. A cultura é organizada em torno do prazer e da diversão, enquanto a pedagogia é definida principalmente em termos instrumentais. A

cultura situa-se no terreno do cotidiano, ao passo que a pedagogia geralmente legítima e transmite a linguagem, os códigos e os valores da cultura dominante. A cultura é apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências, enquanto a pedagogia valida as vozes do mundo adulto, bem como o mundo dos professores e administradores da escola (MOREIRA; SILVA, 2000, p. 97)

Escolas que despertam futuros e produzem professores e alunos mais felizes e bem qualificados estão intensamente envolvidas com o conhecimento. Neste contexto vemos a importância das atividades pedagógicas estarem associadas a projetos que permitam a participação da comunidade escolar, com a participação e o envolvimento de todos na busca da qualidade educacional.

A utilização, nas aulas, de metodologias como a dramatização, leitura e releitura de textos ou histórias, exercícios autobiográficos, técnicas como a clarificação de valores e os enfoques socioafetivos, como sugerem Puig (1998) e Araújo & Aquino (2001), podem ser um caminho para demonstrar a autonomia dos professores, pautada na gestão democrática.

Deixar que a criança descubra nas palavras a sua capacidade perceptiva, o senso criativo, a sua historicidade, pelos caminhos da literatura, não é tarefa simples, requer dos profissionais que atuam no campo literário, que deveria permear todas as disciplinas, uma atitude de respeito ao inconsciente de cada leitor, deixando

livre a interpretação subjetiva.

A função criativa da imaginação pertence ao homem e é condição necessária da vida cotidiana, manifestando-se nas brincadeiras infantis quando combina na simples recordação de impressões vividas, suas curiosidades, e descobertas, construindo uma nova realidade, possibilitando a interferência do imaginário num diálogo ativo com a cultura, modificando a dinâmica educacional.

E o que é cultura?

Para Werneck (2003), admitindo-se a existência da cultura em todos os aspectos da vida social, como produto da ação humana, esta explicita seu caráter processual, contínuo e mutante. É a revelação dinâmica decorrente do agir humano.

Muniz Sodré (*apud* WERNECK, 2003) entende que:

Cultura é o conjunto dos instrumentos de que dispõe a mediação simbólica (língua, leis, ciência, artes, mitos) para permitir ao indivíduo ou ao grupo a abordagem do real. Os instrumentos ditos culturais são "equipamentos" coletivos ou grupais postos à disposição de todos (WERNECK, 2003, p.85).

Interferindo no convívio social e atuando sobre os sujeitos, a cultura é o produto das noções repassadas nos saberes transmitidos pelos meios de comunicação, que nos dias atuais tem na programação da televisão (desenhos, noticiários, novelas, pro-

gramas de variedades) sua principal fonte de referência, pelo convívio social, incluindo os acontecimentos familiares, pela literatura e por outras manifestações expressivas da produção humana.

Esses "saberes" modificam hábitos, pensamentos e posturas, agregando valores ou contra-valores ao sujeito, construindo, então, novos conhecimentos, que vão sendo processados para o seu aprimoramento intelectual, social e moral.

No Brasil, durante muitos anos, a discriminação social, se apoiava entre outros fatores na posse do diploma de bacharel, de doutor, contra o analfabeto, o iletrado. A letra era usada para dominar, para controlar a vida dos que não sabiam ler.

A organização social da cultura sempre foi direcionada para marcar posições de poder e classe social, no entanto, boa parte das classes pobres, tem uma forte e rica herança cultural popular.

A cultura popular registrada e difundida através de contos, mitos, credences, repentes, cantigas, compõem um acervo literário que não pode ser relegado, mas sim legitimado por ser historicamente construído ao longo da nossa formação, alimentando nossa história, a história do Brasil.

A valorização da leitura como um dos meios de apropriação cultural nos remete a uma reflexão sobre as dificuldades de aprendizagem na escola. O contexto atual

se apresenta com pouca e até mesmo ausência de oportunidades para experimentar atividades onde a imaginação tenha lugar de destaque em contra partida encontra-se presente freqüentemente a imposição do gramaticismo, dificultando a prática da reflexão da criação e da escrita por parte do aluno.

Qualquer educador, pai, professor, bibliotecário, pedagogo etc., quando leva o livro à criança tem o mesmo objetivo - criar nos pequenos o hábito de ler para que a literatura seja uma forma de enriquecimento cultural. Quanto mais e melhor uma criança lê, mais ela gosta de ler; quanto mais hábil na leitura, mais autonomia tem para buscar os livros como fonte de conhecimento, informação e prazer.

A literatura é, sem dúvida, uma das formas de recreação mais importantes na vida da criança por manipular a linguagem verbal, pelo papel que desempenha no seu crescimento psicológico, intelectual e espiritual, pela riqueza de motivações, de sugestões e de recursos que oferece ao imaginário.

A atuação do imaginário, proporcionada pela literatura, na sua própria experiência de vida através está assim descrita por Lygia Bojunga (*apud* MIGUEZ, 2000):

Um dia eu dei pra transformar coisa curta; transformava uma dor em vírgula; virava um alívio em ponto de exclamação; transformava uma esperança em ponto de interrogação. Gostei. Me senti

meio feiticeira. Achei tão bom poder transformar o que eu sentia em história que eu resolvi que era assim que queria viver: transformando. Foi por isso que eu me virei em escritora (MIGUEZ, 2000, p.82).

A imaginação é necessária até para se refazer o caminho de volta. Quando as histórias imaginárias são narradas pelas crianças, possuem variados graus da coerência interna: algumas são desconexas, outras articuladas promovendo o pensamento reflexivo. Estas construções fantásticas preparam a "estrada" para a construção do pensamento lógico, crítico e autônomo. Rodari (1982) apresenta a perspectiva de Dewey sobre a função da imaginação:

A função própria da imaginação é a visão de realidades e possibilidades que não se mostram nas condições normais da percepção sensível. Seu objetivo é penetrar claramente no remoto, no ausente, no obscuro. Não só a história, a literatura, a geografia, os princípios das ciências, mas também a geometria, e a aritmética contêm uma quantidade de argumentos sobre os quais a imaginação deve operar, para que possam ser compreendidos (RODARI, 1982, p.142).

Todos podem ser criativos, se não quiserem viver em uma sociedade repressiva, em uma família repressiva, em uma escola repressiva. É possível uma educação pela "criatividade", quando permitimos que o pensamento seja divergente, quando proporcionamos um ambiente rico de estímulo

los, pois a criatividade trabalha com materiais colhidos da realidade.

É criativa a mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias, que recusa o codificado, e não se deixar inibir pelo conformismo.

E como as práticas pedagógicas vêm sendo realizadas para estimular a criatividade o não o conformismo? Elas estimulam o pensar, provocam a reflexão e o questionamento?

Germes da imaginação criativa, reforça Vygotski (*apud* RODARI, 1982, p.139), manifestam-se nas brincadeiras dos animais: assim, manifestam-se ainda mais na vida infantil.

Se a criatividade é tão importante no desenvolvimento das habilidades e competências do educando, o professor deve promovê-la, pois não é mais ele que transmite o saber pronto. Ele é sim um adulto pronto a desenvolver em si mesmo hábitos de criação, da imaginação, de construção em uma série de atividades (produção pictórica, plástica, dramática, musical, afetiva, moral, lúdica, lógica, lingüística), abordando todos os aspectos cognoscitivos.

Em uma escola que tenha essa prática pedagógica, o educando não é mais um consumidor de cultura e valores, é um criador

e produtor de valores e de cultura.

Segundo Rodari (1982):

No passado falava-se de criatividade referindo-se quase sempre às atividades expressivas e ao jogo, praticamente em oposição às outras experiências, tais como a conceituação matemático-científica ou a pesquisa histórico-geográfica. O fato de que mesmo pessoas empenhadas e bem dispostas releguem o papel da criatividade aos momentos de menor empenho é talvez a melhor prova de que o sistema desumano em que vivemos tem como um de seus principais objetivos a repressão das potencialidades criativas da humanidade (RODARI, 1982, p.141).

A LITERATURA E A QUESTÃO DOS JUÍZOS DE VALOR

Muitas vezes o termo valor está correlacionado ao aspecto econômico, porém sua utilização também pode significar o que vale para o homem e que está implícito nos seus bens morais e culturais.

Max Weber, já nos advertia em algum lugar de sua obra (*apud* FILHO, 2000, p.90) dizia que a pretensão de que o conhecimento deve ser "isento de valores" é, em si, um juízo de valor.

Assim sendo, caberia a questão que explicita quais os juízos de valor implícitos em um estudo sobre a literatura, pois ela não tem uma proposta de neutralidade. Mesmo sem ter a pretensão de ensinar, acaba nos ensinando e muito. Esse ensino

pode transmitir sabedoria ou loucura, direcionando o homem em seu processo de formação.

Por isso, considera-se que a literatura seja uma fabricante de sentidos e os escritores, fabricantes de fantasias que deixam refletir no imaginário do ser social, sua ideologia, estimulando-o a se encontrar nela, a se identificar por meio de seu juízo de valor.

Toda obra literária possui conteúdos de valor a serem transmitidos ao leitor, que se revelam na compreensão da realidade, decorrentes das várias leituras que se possam fazer da conduta humana, e não da obra fechada em si mesma.

Antenor Gonçalves Filho (1992) citando Max Weber apresenta sua posição na seguinte afirmativa:

O destino de uma época cultural que "provou da árvore do conhecimento" é ter de saber que podemos falar a respeito do sentido do devir do mundo, não a partir do resultado de uma investigação, por mais perfeita que seja, mas a partir de nós próprios que temos de ser capazes de criar este sentido. Temos de admitir que "cosmo-visões" nunca podem ser o resultado de um avanço do conhecimento empírico, e que, portanto, os ideais supremos que nos movem com a máxima força possível, existem, em todas as épocas, na forma de uma luta com outros ideais que são, para outras pessoas, tão sagrados como o são para nós os nossos (GONÇALVES FILHO, 1992, p.113).

A AQUISIÇÃO DE VALORES CULTURAIS PELO IMAGINÁRIO

Só libertando o imaginário da criança pela literatura é que ela descobrirá as várias possibilidades de conhecer e interpretar a vida, as pessoas e o mundo.

O processo de reflexão crítica, de autoconhecimento e identidade, que a leitura permite, em um ato individual e espontâneo se revela na expressão de prazer e de liberdade. Além disso, a leitura possibilita a descoberta de si mesmo, através do jogo de palavras e personagens que se confundem com a vida do leitor e que ampliam as possibilidades de aquisição de valores culturais pelo imaginário.

Werneck (2003, p.34), apresenta a visão de Edgar Morin, que afirma que o imaginário participa da construção de todo o conhecimento, e é na infância que são percebidos os preconceitos, atitudes e valores expressos nas relações sociais e sobretudo nas relações familiares, principalmente pela força dos vínculos afetivos aí estabelecidos. A influência desses valores nas manifestações comportamentais do indivíduo é gradual e se revelam na sua forma de ver e agir no mundo.

UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

A atividade que será aqui relatada foi vivenciada no ano de 2005, em uma escola particular de Teresópolis, cidade serrana

do estado do Rio de Janeiro, com alunos de uma turma de 2ª série.

Durante uma aula de Contos, na biblioteca da escola, a professora apresentou um baú bem decorado, com um acervo bastante variado, de livros de literatura infantil, para estimular a curiosidade, deixando que as crianças explorassem seu conteúdo livremente de acordo com seu interesse individual ou coletivo.

Após a exploração inicial, as crianças destacaram alguns títulos que foram percebidos de grande interesse, e logo aproveitados pela professora para iniciar um trabalho.

Brincadeiras e brinquedos para meninos e meninas foi o tema abordado após a discussão surgida a partir do título destacado - *A Cinderela das bonecas*, de Ruth Rocha (2004). Contada a história, a professora questionou sobre os tipos de brincadeiras que as crianças gostavam e percebeu a dicotomia entre "brincadeiras de meninos" e "brincadeiras de meninas".

Propôs, então, uma atividade em que os meninos e as meninas pudessem participar em conjunto. As meninas trariam as bonecas bem arrumadas e os meninos enfeitariam os carrinhos das bonecas para um desfile, a ser apresentado para os alunos da Educação Infantil.

Durante os preparativos da atividade, ocorreu que a mãe de um dos meninos questio-

nou os objetivos da mesma se colocando contra a realização da tarefa de "enfeitar carrinho de boneca", uma vez que, segundo ela, colocava seu filho em uma situação constrangedora e numa posição ridícula. Ainda segundo os pais, seu filho estava se sentindo envergonhado.

A situação descrita revela as limitações impostas pelo preconceito e pelos condicionamentos impostos por modelos vigentes que sufocam a liberdade de opiniões e ações. O imaginário social está impregnado por atitudes e valores que diferenciam gêneros, raças e posições sociais, prejudicando o desenvolvimento da personalidade da criança e alimentando a sua incapacidade para se aventurar a conhecer e experimentar o novo.

Uma outra experiência, realizada com a turma de 3ª série, desta mesma escola, utilizando o livro *Aviãozinho de Papel*, de Ricardo Azevedo (1994), possibilitou a todos o contato com diferentes valores culturais pelos caminhos da literatura.

O texto é poético e carregado de situações onde o imaginário infantil pode viajar e encontrar suporte para dialogar com lembranças ou realidades captadas pelas vivências dos leitores. A história de um aviãozinho, lançado de uma janela por um homem e o seu percurso apresenta uma trajetória permeada de situações repletas de idéias, lembranças e sentimentos, facilmente reconhecidas no cotidiano das crianças e a chegada do avião ao seu destino.

A ilustração, feita pelo autor do livro, foi influenciada pelo pintor surrealista belga Magritte, o que oportunizou a pesquisa sobre este movimento artístico e literário de origem francesa e uma releitura de obras de grandes mestres como Salvador Dali e Miró.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil não alimenta apenas a alma dos pequenos pelos múltiplos caminhos do imaginário, atinge também jovens e adultos, resgatando a criança que deve permanecer em todos para continuarem olhando o mundo com mais afeto.

Tonucci (1997) apresenta um poema de Gianni Rodari que representa bem o que foi exposto acima:

Um dia num campo de ovelhas
Vi um homem de verdes orelhas
Ele era bem velho, bastante
idade tinha
Só sua orelha ficara verdinha
Sentei-me então a seu lado
A fim de ver melhor, com
cuidado
Senhor, desculpe minha ousadia,
mas na sua idade
De uma orelha tão verde, qual a
utilidade?
Ele me disse, já sou velho, mas
veja que coisa linda
De um menino tenho a
orelha ainda
É uma orelha-criança que me
ajuda a compreender
O que os grandes não querem
mais entender
Ouço a voz de pedras e
passarinhos
Nuvens passando, cascatas e
riachinhos
Das conversas de crianças,
obscuras ao adulto

Compreendo sem dificuldade o sentido oculto
Foi o que o homem de verdes orelhas
Me disse no campo de ovelhas
(RODARI, *apud* TONUCCI, 1997, p.13).

O texto de literatura infantil é hoje um objeto real, com uma linguagem verbal e ou visual que realiza uma revisão de mundo, na perspectiva da infância, apresentando-lhe valores e conceitos para serem avaliados, criticados e reformulados, tendo ainda a propriedade de informar. Coloca a criança a par do que ela tem o direito de saber, refletir e discutir, facilitando sua compreensão e apresentando novas perspectivas para as várias situações que lhe afligem.

Formar crianças leitoras num mundo materialista onde o consumo exagerado de supérfluos predomina e imperiosamente sobrepõe-se ao ato de ler, tão significativo para a construção de uma sociedade que necessita resgatar os valores éticos, morais e culturais, é um compromisso da escola que deve promover uma educação de qualidade, resgatando um direito que é de todos, o de saber ler e utilizar-se da leitura para sua inserção social num mundo mais justo e cheio de oportunidades para aqueles que conquistaram o saber pelo sabor das leituras.

Não aproveitar a grande aventura de trabalhar com as crianças através da literatura, significa uma grande perda de tempo e de oportunidade para descobrir a essência de cada um de nós.

Artigo recebido em: 31/01/2006.

Aprovado para publicação em: 15/12/2006.

The double relation between reading and imaginary as cultural aspects

Abstract: The aim of this article is to present experiences and thoughts about working with literature, establishing the double relation between reading and imaginary as cultural aspects. We propose a reflection upon the pedagogical practice, emphasizing the pleasure of reading and giving importance to situations when the reader gets involved with the story, stimulating the common reading, allowing interaction with the imaginary. According to Baudelot Cartier and Detz's research (1999), the relationship between the reader and the text is affective - it can be seen through his/her identification with the story and characters prolonging at the same time at reading practice, experiences or personal questions.

Keywords: Reading; Creativity; Values; Culture.

La doble relacion: lectura y el imaginario como valores culturales

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar experiencias y reflexiones en el trabajo con la literatura, estableciendo la doble relación lectura e imaginario como valores culturales. Se propone una reflexión sobre la práctica pedagógica enfatizando el placer de leer y valorizando situaciones de involucramiento del lector con la historia en el estímulo a la lectura común, permitiendo la interacción como el imaginario. Según la investigación de Baudelot, Cartier y Detz (1999), la relación del lector con la obra es afectiva, ella se manifiesta por su identificación con la historia, con los personajes, prolongándose al mismo tiempo en las lecturas, experiencias o cuestionamientos personales.

Palabras clave: Lectura; Creatividad; Valores; Cultura.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, U.F.; AQUINO, J. G. tema **Os direitos humanos na sala de aula:** a ética como transversal. São Paulo: Moderna, 2001.

- AZEVEDO, Ricardo. **Aviãozinho de Papel**. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1994.
- BAGNO, Marcos. **O papel roxo da maçã**. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- GONÇALVES FILHO, Antenor. **Educação e literatura**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MIGUEZ, Fátima. **Nas Arte-Manhas do Imaginário Infantil: o lugar da literatura na sala de aula**. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. Tradução de Maria Aparecida Batista. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- PUIG, Josep. **Ética e valores: métodos para um ensino transversal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- ROCHA, Ruth. **A Cinderela das bonecas**. São Paulo: FTD, 2004.
- _____. **O menino que aprendeu a ver**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1997.
- RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.
- TONUCCI, Francesco. **Com os olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- WENECK, Vera Rudge. **Cultura e Valor**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

Sobre a autora:

1 *Gicele Faissal de Carvalho*

Especialista em Educação Infantil, Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Pedagoga. Professora do Curso de Pedagogia do UNIFESO. Aluna ouvinte do curso de Mestrado em Educação, Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Orientadora: Dra. Vera Rudge Werneck

Endereço Postal: Rua Aguapeí, n.131. Bairro de Fátima, Teresópolis, RJ. CEP: 25.960-630.